

# As Margens são Centros: as diferentes expressões de centralidade da sociabilidade gay na Área Central do Rio de Janeiro

**Margins are centers: the different expressions of centrality of gay sociability in the Central Area of Rio de Janeiro**

**Les marges sont des centres: les différentes expressions de la centralité de la sociabilité gay dans la zone centrale de Rio de Janeiro**

João Victor Sanches Patrício – [jsanches1605@gmail.com](mailto:jsanches1605@gmail.com)  
Mestrando em Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro  
Orcid : <https://orcid.org/0000-0002-9865-4058>

## Resumo

O presente trabalho busca analisar as diferentes expressões de centralidade da sociabilidade gay masculina na Área Central do Rio de Janeiro. A instalação de boates, saunas e a ocorrência de eventos e/ou festas em espaços públicos na referida área promovem a formação de diferentes expressões de centralidade que são segmentadas levando em consideração os indicadores sociais da diferença: classe social, filiação étnico-racial, estrato de renda, nível de escolaridade, ocupação profissional e idade. Essas diferentes centralidades contribuem para o processo de fragmentação socioespacial vivenciada pelas metrópoles no atual estágio de (re)produção do espaço urbano, além, de ao mesmo tempo contribuir com a formação da identidade individual e coletiva da população gay masculina na cidade e com sua segregação em zonas específicas do tecido urbano.

**Palavras-chave:** Centralidades, Sociabilidades, Fragmentação socioespacial, interseccionalidades.

## Abstract

This paper seeks to analyze the different expressions of centrality of gay male sociability in the Central Area of Rio de Janeiro. The installation of nightclubs, saunas and the occurrence of events and/or parties in public spaces in that area promote the formation of different expressions of centrality that are segmented taking into account the social indicators of difference: social class, ethno-racial affiliation, income strata, level of education, professional occupation and age. These different centralities contribute to the process of socio-spatial fragmentation experienced by metropolises in the current stage of (re)production of urban space, and at the same time contribute to the formation of individual and collective identity of the gay male population in the city and its segregation into specific areas of the urban fabric.

**Key words:** Centralities, Sociability, sociospatial fragmentation, Intersectionality

## Résumé

Cet article cherche à analyser les différentes expressions de la centralité de la sociabilité masculine gay dans la zone centrale de Rio de Janeiro. L'installation de boîtes de nuit, de saunas et la tenue d'événements et/ou de fêtes dans les espaces publics de cette zone favorisent la formation de différentes expressions de centralité qui sont segmentées en tenant compte des indicateurs sociaux de différence: classe sociale, appartenance ethno-raciale, strates de revenus, niveau d'éducation, occupation professionnelle et âge. Ces différentes centralités contribuent au processus de fragmentation socio-spatiale que connaissent les métropoles dans la phase actuelle de (re)production de l'espace urbain, et contribuent en même temps à la formation de l'identité individuelle et collective de la population masculine gay dans la ville et à sa ségrégation dans des zones spécifiques du tissu urbain.

**Palavras-chave:** Centralités, Sociabilité, Fragmentation socio-spatiale, Intersectionnalité.

Recebido em: 29/07/2022  
Aceito: 19/09/2022  
Publicado: 03/10/2022

## Introdução

O presente trabalho é fruto da dissertação de mestrado intitulada “As Margens são Centros: as diferentes expressões de centralidade do fervo gay na área central do Rio de Janeiro” desenvolvida no Programa de Pós Graduação em Geografia (PPGG) da Universidade Federal do Rio de Janeiro. A ideia de discutir sobre o tema no campo da Geografia Urbana e da Organização Interna das Cidades surgiu de uma lacuna ao longo de toda a graduação de uma discussão sobre a (re)produção do espaço urbano que manifestasse os impactos e a participação de indivíduos com identidades de gênero e sexualidades dissidentes. Senti a necessidade de enquanto geógrafo, pesquisador e homem gay de entender meu lugar no espaço e como meus percursos, trocas e caminhos produzem uma cidade que afronta as normas tradicionais e heteronormativas de ocupação/vivência espacial urbana.

A institucionalização da Geografia enquanto campo do saber acadêmico foi marcada por uma reificação do positivismo, da análise lógica e da racionalidade numérica. Durante um longo tempo, a Geografia teve como principal papel a enumeração, classificação e hierarquização de elementos e fenômenos espaciais sem se preocupar com a interação entre condicionantes naturais, humanas e culturais. A partir do século XX, com a introdução de uma Geografia Social de cunho marxista o espaço, principal elemento de análise da disciplina, passa a ser visto como produto/ator nas relações sociais e naturais. A (re)produção espacial e suas implicações na própria estrutura do espaço, na forma como as pessoas ocupavam e organizavam o espaço e as imbricações entre elementos físicos e humanos deu o tom dessa nova Geografia.

Porém, mesmo considerando essa categoria na análise espacial a Geografia ocultou a complexidade que envolve o indivíduo na análise espacial. Podemos dizer que o “Homem”<sup>1</sup> que a ciência analisava era branco, eurocentrado, heterossexual e pertencente a uma elite intelectual e econômica contribuindo para a reprodução de uma imagem do espaço segregador, heteronormativo e asséptico. Somente a partir da segunda metade do século XX, mais precisamente no final da década de 1960, que a Geografia incorpora a análise feminista em sua produção. A introdução da temática e da luta na ciência geográfica foi resultado

---

<sup>1</sup> Categoria universal para se referir para se referir a ser humano. Amplamente criticado pelo movimento feminista e teoria *queer* por invisibilizar a figura das mulheres.

PATRÍCIO, João Victor Sanches. As Margens são Centros: as diferentes expressões de centralidade da sociabilidade gay na Área Central do Rio de Janeiro. **Boletim Alfenense de Geografia**. Alfenas. v. 2, n.4, p. 95-117, 2022.

ISSN: 2764-1422. DOI: <https://doi.org/10.29327/243949.2.4-6>

dos movimentos sociais de contestação ao capitalismo ocidental ocorridos a partir de 1968 na Europa, América Latina e Estados Unidos.

A “Segunda Onda do Movimento Feminista” (BUTLER, 2003) representou uma virada nos objetivos e organização das mulheres ao redor do mundo: a luta se dirigia contra o patriarcado e todas as formas de opressão (espaciais, econômicas e políticas) vivenciadas pelas mulheres. A própria Geografia passa por um período de inflexão ao analisar a subalternidade do papel da geógrafa na produção científica e como a dupla jornada de trabalho (profissional e doméstico) prejudicava a ascensão das mulheres nos departamentos de Geografia (SILVA, 2015).

A discussão sobre Sexualidades Dissidentes<sup>2</sup> na Geografia ganha fôlego a partir da década de 1970 ressoando a organização de um novo “movimento gay” resultado do Levante de *Stonewall Inn* de 1969. O antológico movimento, liderada por mulheres transexuais negras, inaugura no mundo ocidental uma nova identidade e sentido à luta LGBTIA+.<sup>3</sup> Segundo Gill e Valentine (1995) no final da década de 1970 são publicados os primeiros trabalhos sobre a temática na Geografia correlacionando sexualidades e o espaço urbano. Destaque para o livro de Castells (1976)<sup>4</sup> que tem como estudo de caso a cidade de São Francisco e a organização espacial e habitacional do recém-formado movimento gay. Entre as décadas de 1970 e 1980 inúmeros artigos e periódicos analisaram a relação entre atividades econômicas, habitação e sexualidades, destaque para trabalhos que discutiam o processo de *gentrification* causada pela população gay masculina em áreas da cidade de Nova York e Los Angeles ou a formação dos *gays villages* e as implicações econômicas e urbanísticas desse processo.

No Brasil, a discussão sobre Gênero e Sexualidades na Geografia inicia-se a partir da década de 1980. Dentre os motivos para esse hiato, quando comparado a Geografia anglo-saxã, estão os 21 anos de Ditadura Militar e a censura e perseguição a assuntos considerados subversivos. O primeiro trabalho sobre o tema na Geografia foi realizado por Ribeiro (1995) intitulado “Os territórios da Prostituição nos Espaços Públicos do Rio de Janeiro”. Porém, uma produção

<sup>2</sup> Sexualidades dissidentes diz respeito a toda e qualquer orientação sexual ou identidade de gênero que fuja da lógica da heteronormatividade compulsória (BUTLER, 2003).

<sup>3</sup> Os anos iniciais do “movimento gay” reforçavam a imagem de homens gays brancos, homonormativos e de classe média invisibilizando a população TTT, homens e mulheres bissexuais e lésbicas.

<sup>4</sup> *The City and the Grassroots* (CASTELLS, 1976)

substancial dessa temática só vai ocorrer a partir dos anos 2000, como apontado por Silva (2010), explica-se esse significativo incremento com a criação de novos centros universitários nas cidades médias e pequenas do país e a reestruturação dos cursos de pós graduação. Em 2010, a criação do periódico Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero vinculado ao Grupo de Estudos Territoriais (GETE) da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG); Hancke (2019) aponta que cerca de 72% de toda a produção da Geografia Brasileira de Gênero e Sexualidade desde 2012 se concentra nesse periódico sendo o único e o mais relevante para discussões sobre esse tema no Brasil.

O aparente “desinteresse” da Geografia Brasileira em relação ao campo é discutido por Silva (2015) e Hancke (2019): a baixa produtividade de pesquisas, dissertações e teses sobre gênero e sexualidade nos grandes centros universitários do Brasil estaria ligado a uma posição arraigada das instituições tradicionais a temas e discussões considerados “consolidados”, ou até mesmo, “geográficos” do ponto de vista científico. Outra explicação reside na inexistência, segundo os autores, de uma rede estruturada que conecte os pesquisadores da área em escala nacional e internacional, sendo o idioma um importante empecilho na comunicação.

Apresentado um breve panorama sobre a trajetória do subcampo Gênero e Sexualidades na Geografia vamos ao objeto de estudo central do presente artigo: as expressões de centralidade da sociabilidade gay. O interesse pelo tema decorre de duas razões: a primeira é uma bibliografia, ainda incipiente, sobre a temática das sociabilidades gays masculinas na Geografia Urbana e de Gênero e Sexualidades Brasileira. Silva (2010) aponta uma espécie de padrão de tópicos e assuntos que são comuns nessa área na Geografia Brasileira, dentre eles, citamos temáticas como “prostituição”, “sistema educacional” e “população travesti<sup>5</sup>” com uso de conceitos comuns como “microterritórios”, “guetos” ou “territórios da prostituição” (COSTA, 1992;2012). Por si só, a escolha do tema sociabilidade e o uso do conceito centralidade para a análise desse tema teria um viés inovador dentro do subcampo. Outra razão, essa de cunho mais pessoal, foi um episódio que presenciei durante um bloco de Carnaval no bairro de Ipanema, zona sul do

<sup>5</sup> Hancke (2019) baseado em análises de artigos e teses sobre o tema afirma que parte substancial da produção bibliográfica se concentra ao redor desses três eixos temáticos.

Rio de Janeiro. Durante o desfile de um grande bloco carnavalesco na orla da praia estava acompanhado de um amigo morador do município de São João de Meriti, na Baixada Fluminense. Durante um tempo, ele trocou olhares com um rapaz e após o flerte inicial iniciaram uma conversa. O rapaz manifestou interesse em “ficar” com meu amigo, porém, desistiu após saber que ele era morador da Baixada Fluminense distante, espacial e socialmente, do Leblon bairro onde residia.

A ocorrência desse episódio me pôs a refletir sobre como os espaços de sociabilidade gays não são homogêneos ou “inclusivos” como à primeira vista parecem demonstrar, mas, demarcados por diferenças e segmentados por interesses específicos e indicadores sociais da diferença restringindo, e no limite, reproduzindo o discurso de apagamento e violência homofóbica vivenciado por esses indivíduos em outros espaços da cidade. Desse modo, busco entender como diferentes locais de sociabilidade constituem centralidades demarcadas e significadas por indicadores sociais da diferença, tais como filiação étnico-racial, classe social, nível de renda, ocupação profissional e idade e como esses locais (re)produzem em uma escala maior o processo de fragmentação e segmentação do tecido socioespacial (SOUZA, 2011) nas metrópoles brasileiras.

O uso do conceito “centralidade”, de grande valor na Geografia Urbana, é uma tentativa de ir ao encontro de conceitos consolidados na área, tais como “microterritórios” (COSTA, 1992) e “guetos” (LEVINE, 1976). A centralidade confere um caráter aglutinador para a população gay masculina que busca lazer e sociabilidade nesses locais, ressaltando seu alcance espacial máxima e a multiplicidade de fluxos que são percorridos. Ademais, diferente dos outros conceitos, ressaltaria que a população gay masculina nesses locais não é dominante sendo possível a coexistência de grupos sociais não desviantes da norma heterossexual nesses locais.<sup>6</sup>

## Metodologia

<sup>6</sup> Um fato comum observado durante a pesquisa foi a presença de homens e mulheres heterossexuais em festas, boates e eventos vistos como *gay friendly* reforçando a ideia central de não dominância ou exclusividade da população gay masculina nesses espaços. Muitas das vezes o caráter *gay friendly* desses espaços é alterado pela massiva e constante presença de heterossexuais

O início da pesquisa coincide com a decretação por parte da Organização Mundial de Saúde (OMS) da pandemia do vírus Sars-Cov-2. A adoção do fechamento parcial e/ou completo de saunas, boates e bares inviabilizou a realização de trabalhos de campo para a realização de entrevistas e coleta de dados in loco. Em contrapartida, o fechamento do campus da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e a impossibilidade de acessar bibliotecas e o acervo físico da instituição limitou a busca por material bibliográfico.

Diante disso, a metodologia operacional da pesquisa foi radicalmente alterada. Os sites e domínios da internet foram valorosos instrumentos para a coleta de artigos, monografias, dissertações e teses de doutorado sobre o tema. Destaque para as buscas no site do grupo GETE (Grupo de Estudos Territoriais), a Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero e a Revista Periódicus. Embora o lastro temporal da presente pesquisa tenha se fixado na última década (2010 – 2020) a busca ativa no acervo do jornal O Globo e na revista Lampião da Esquina <sup>7</sup>permitiu um resgate histórico das práticas de lazer e sociabilidade gay masculina na cidade do Rio de Janeiro, com foco na área central, corroborando a teoria de que a região era lócus de encontros homoafetivos, desde o século passado, permitindo comparar as mudanças de padrão e alterações espaciais ocorridas nesse período.

A impossibilidade de realizar pesquisas de campo fez com que as entrevistas se tornassem o principal método de análise desses espaços e do tipo de práticas espaciais que ali eram realizadas. Ao todo foram realizadas 60 entrevistas semi estruturadas através das plataformas de vídeo Google Meet ou Zoom possuindo em média 1 hora e meia de duração e baseadas no modelo conhecido como *snowball* (BALDIN e MUNHOZ, 2011) que consiste na criação de uma rede de entrevistados a partir de um único entrevistado, num modelo sucessivo de indicações. A entrevista se subdividia em duas etapas:

---

<sup>7</sup> Disponível em: <http://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>

**1ª etapa:** a primeira etapa consistia na identificação do entrevistado. Era perguntado seu nome, bairro onde residia, idade, nível de instrução e ocupação profissional. Essa etapa foi de fundamental importância, pois, permitiu construir um perfil do entrevistado e uma consequente qualificação social. Para se chegar a uma determinação sobre o seu estrato de renda ou classe social evitou-se perguntas vistas como invasivas ou vexatórias e preferiu-se, de modo subliminar, chegar a essas informações questionando-os sobre com quem residiam, se possuíam automóveis ou quantos aparelhos eletrônicos mantinham em casa. Dessa maneira, poderia se determinar o seu acesso ao consumo e seu nível de renda.

**2ª etapa:** a segunda etapa tinha por objetivo compreender as práticas de sociabilidade dos entrevistados. De maneira geral se questionava onde costumavam passar os momentos de lazer, por que escolhiam esses locais, como se deslocavam até esses locais e por fim quais as impressões que eles possuíam sobre esses espaços. Particularmente, essa segunda etapa foi bastante enriquecedora, à medida que muitos dos entrevistados se sentiram à vontade para narrar experiências pessoais (como violências homofóbicas sofridas) e criticar de maneira contundente certos locais visto como “elitistas” ou “populares” e até mesmo bairros da cidade vistos como não gay friendly<sup>8</sup>. A construção de mapas mentais sobre os deslocamentos realizados pelos entrevistados e da localização dos espaços de sociabilidade mais procurados foram os maiores resultados obtidos nessa etapa.

Os resultados das entrevistas foram transcritos a mão em uma caderneta de campo. Optou-se por esse método à medida que parte expressiva dos entrevistados se recusavam a ligar a câmera ou gravar suas falas, haja visto, que muitos não eram publicamente assumidos para amigos e familiares e tinham medo de represálias profissionais e acadêmicas.

---

<sup>8</sup> Interessante destacar que alguns bairros da cidade eram vistos como hostis a presença de homens gays. Destaque para a Barra da Tijuca, na zona oeste da cidade, bairro historicamente ocupada pela classe média emergente, com grande concentração de condomínios fechados e shopping centers foi visto como “de grande hostilidade” a presença de casais e homens gays que eram sujeitos a ataques violentos e agressões verbais.

PATRÍCIO, João Victor Sanches. As Margens são Centros: as diferentes expressões de centralidade da sociabilidade gay na Área Central do Rio de Janeiro. **Boletim Alfenense de Geografia**. Alfenas. v. 2, n.4, p. 95-117, 2022. ISSN: 2764-1422. DOI: <https://doi.org/10.29327/243949.2.4-6>

## Arcabouço Teórico

A discussão teórica da pesquisa centrou-se em dois conceitos principais: sociabilidades e centralidades. Ademais, outros conceitos como fragmentação socioespacial, segmentação do tecido urbano e interseccionalidade foram utilizados para corroborar a discussão central.

A discussão sobre centralidades está inicialmente ligada as Teorias das Localidades Centrais desenvolvidas ao longo dos séculos XIX e XX. Teóricos como Von Thunen (1826), Alfred Weber (1909) e Walter Christaller (1933) foram responsáveis por analisar a centralidade a partir de uma noção de aglomeração. As teorias desenvolvidas pelos estudiosos se referiam tanto ao espaço rural quanto ao urbano e tinham como duas principais características a presença dos chamados “fatores locacionais” e da monocentralidade. Os fatores locacionais eram uma série de atributos que permitiam a concentração de atividades e serviços num dado ponto do espaço e a consequente maximização/minimização de lucros e custos de consumidores e fornecedores, já a chamada monocentralidade, destacava a presença de um grande centro aglutinador de fluxos de inúmeras outras áreas da cidade. Tal noção foi fundamental para o desenvolvimento da “Teoria dos Lugares Centrais” de Walter Christaller (1933).

O autor buscou, tendo como estudo de caso o Sul da Alemanha, hierarquizar as cidades de acordo com suas funções econômicas, tamanho e número de habitantes. Em linhas gerais teríamos um Lugar Central que seria “pontos no espaço responsáveis pela distribuição de bens e serviços atraindo os agentes econômicos com o objetivo de atender demandas específicas” (SILVA, 2001, p.75) e uma gradação de lugares que ia sucessivamente diminuindo seu alcance espacial e econômico.

Na década de 1920 a Escola de Chicago se propôs a analisar a expansão urbana e o crescimento populacional da cidade de Chicago. Essa escola de pensamento propunha analisar as transformações urbanas decorrentes da industrialização e do processo de urbanização a ela associado concebendo a cidade como um organismo social e as relações sociais em estágio de permanente competição. Essa ideia permitiu conceber modelos teóricos e estruturais que tinham por base a “conquista” de diferentes locais na cidade de acordo com suas condições sociais. O Centro, desse modo seria o local privilegiado, núcleo

principal onde a cidade se expande e organiza. Dentre os modelos que se destacam temos o de Ernest Burgess (1925), Homer Hoyt (1933) e Harris e Ullmann (1945). Esses modelos tinham em comum a presença de um centro principal, conhecido como *Central Business District* (CBD), marcado pelo elevado preço do solo, concentração de atividades econômicas e produtivas e alto grau de verticalização e por uma periferia expandida com a presença de zonas industriais, residenciais e rurais cujo conteúdo social se diferenciava de acordo com o nível de renda e acessibilidade. Os modelos de Burgess e Hoyt têm em comum a presença de um núcleo único, catalisador enquanto o de Harris e Ullmann apostam nos chamados “núcleos múltiplos” resultado direto da constituição de diferentes economias de aglomeração.

Complementando a discussão conceitual temos a análise realizada por Lefebvre (2007) que associava a estruturação urbana a constituição das centralidades. Segundo o autor a cidade era uma entidade dinâmica em permanente processo de (re)construção. Assim, a centralidade, era vista como um atributo do sistema capitalista de produção baseado na concentração, reunião e aglutinação de pessoas, informações e valores em um determinado ponto do espaço com o intuito de maximizar os lucros e minimizar os custos. Sob essas condições, a centralidade não seria um atributo estático e único, limitado a ocorrer em um ponto do espaço, mas sim, diversos atributos ocorridos em diferentes pontos do espaço, com ideias, lógicas e objetivos diferenciados denotando um caráter múltiplo de seu alcance e intencionalidade.

A poli(multi)centralidade é discutida por autores como Sposito (2009) e Silva (2017). A autora destaca que as chamadas cidades poli(multi)cêntricas vão se consolidar após o final da Segunda Guerra Mundial marcado pelo processo de suburbanização estadunidense e a popularização do uso do automóvel o que garantia maior fluidez territorial e alcance. Silva (2017) complementa que a utilização de automóveis por diferentes membros de uma mesma família permitiu que os deslocamentos para compras se ampliassem em direção a periferia imediata garantindo a instalação de hipermercados e shopping centers as margens das rodovias estaduais constituindo centralidades. A emergência de novas centralidades, não significou de imediato, a decadência ou ameaça ao Centro Principal; Sposito (2009) destaca a coexistência dessas centralidades e

uma relação de complementaridade de bens e serviços entre elas. Cada nova centralidade que surge é identificada por códigos específicos, fluxos definidos e informações/valores únicos que garantirão aquela centralidade um destaque frente a existência de outras no mesmo espaço.

A discussão sobre sociabilidades da presente pesquisa usa como referenciais teóricos e conceituais as análises realizadas por Simmel (1911) e os trabalhos desenvolvidos por Parker (1916) no âmbito da Escola de Chicago.

Em sua seminal obra “A vida mental e a metrópole” Simmel (1911) evoca algumas alegorias importantes para se analisar a sociabilidade urbana nas metrópoles capitalistas: a primeira delas é a “atitude blasé” que seria resultado da modernização das cidades e do triunfo capitalista nas relações sociais, culminando numa “sociabilidade desinteressada” marcada pela “perda da originalidade e espiritualmente distante” (SIMMEL, 2006 [1911]). Na concepção do autor diante das mudanças implacáveis no espaço urbano capitalista as pessoas recorreriam a “jogos de cena” que consistiriam na encenação de diferentes papéis a depender do contexto e local que está inserido. Tal análise corrobora o que o presente estudo analisa: os frequentadores dos espaços de sociabilidade analisados performam identidades e comportamentos específicos para esses locais que não são reproduzidos em outros espaços como a casa dos pais, trabalho ou universidade. A título de ilustração temos o caso de um entrevistado morador da Baixada Fluminense que do percurso da sua casa até a boate localizada na Praça Tiradentes usa um tipo de vestimenta (segundo ele mais “masculina para evitar assédio ou intimidações”) mas ao chegar ao local usa roupas mais curtas e não convencionais já que se sente à vontade para tal. Dessa forma, como estratégia de defesa, segurança e aceitação das regras heteronormativas esses atores assumem papéis díspares em determinados pontos do espaço criando seus próprios jogos de cena.

Robert E. Parker (1916) foi um dos expoentes da Escola de Sociologia Urbana de Chicago. Em suas análises destacará que “a cidade é um estado de espírito” resultado de uma interação entre a ordem territorial e a ordem moral. O autor alude a existência de “regiões morais” na cidade marcada pela presença de

peças que reúnem os mesmos códigos morais em relação a estilos, comportamentos e gostos. Numa cidade em rápido processo de expansão e consequente segmentação e fragmentação as regiões morais possuiriam uma forte coesão interna e uma latente diferenciação quando comparada a outras regiões morais. O autor considera as regiões morais como áreas “degradadas”, “sujeitas a violência” e a “corrupção moral e de costumes” por concentrarem grupos sociais historicamente marginalizados como a população LGBTQIA+, imigrantes e população negra. A discussão sobre regiões morais se faz presente na pesquisa quando a localização dos referidos espaços de sociabilidade ocorre em da Zona Periférica ao Centro sem segurança ostensiva ou visibilidade/investimento por parte do Poder Público, sendo em grande maioria, fruto da iniciativa privada de pequenos e médios investidores ou da espontaneidade de atores sociais focalizados nos encontros e sociabilidade se mostrando marginais no circuito noturno da área central do Rio de Janeiro.

Outra discussão conceitual fundamental para a presente pesquisa é a interseccionalidade. O termo discutido por autoras como Crenshaw (1991) e Collin e Bridge (2021). Segundo a discussão realizada por essas autoras a interseccionalidade é entendida como uma “ferramenta analítica oriunda de uma práxis política em que raça, gênero, sexualidade, etnia, nacionalidade e faixa etária são construtos mútuos que moldam diversos fenômenos e problemas sociais” (COLLIN e BRIDGE, 2021, p.5). Essas categorias analíticas se sobrepõem e atuam de forma combinada a reificar e agudizar os apagamentos e marginalizações sofrido por grupos sociais historicamente marginalizados. A interseccionalidade é fruto de discussões teóricas e práticas do movimento feminista que passa a criticar a sobrevalorização das mulheres brancas e de classe média na organização e lutas de base. Desse modo, a interseccionalidade busca entender como opressões de gênero são agudizadas quando categorias como classe social e raça são levadas em consideração. Um exemplo prático disso é a luta histórica pela inserção da mulher no mercado de trabalho: essa pauta foi amplamente defendida por mulheres feministas brancas de classe média durante a Segunda Onda do Movimento e representaria a emancipação financeira e simbólica do domínio do patriarcado, porém, é igualmente sabido que no caso das mulheres pretas o trabalho braçal, escravo e sexual se fez presente em diferentes momentos da história.

No caso do estudo em tela a interseccionalidade é fundamental para se compreender como as diferentes configurações e vivências espaciais do grupo analisado são perpassadas por sua condição financeira, classe social e raça. Isso é importante porque rompe com uma ideia consolidada de que a população LGBTIA+ (referida como comunidade) e seus espaços de sociabilidade são homogêneos e inclusivos só por serem voltados a grupos que partilham da mesma situação de opressão e apagamento simbólico. Pelo contrário, esses espaços funcionam como reprodutores dessa lógica de opressão e segmentação e utilizam dos indicadores sociais da diferença como elementos basilares para sua constituição. Essa interseccionalidade dialoga com um processo espacial que ocorre na escala da cidade: a fragmentação do tecido socioespacial e a segmentação urbana.

À medida que a cidade é setORIZADA em espaços voltados para práticas de grupos específicos vemos uma compartimentalização dos deslocamentos, percursos e localizações espaciais. Essa divisão da cidade em parcelas dialoga com o atual modelo de reprodução do espaço urbano (CARLOS, 2007) pautado por uma lógica neoliberal, consumista e privatista sendo resultado do processo de globalização e mercadologização do mundo. Desse modo, a cidade é segmentada e fragmentada criando simulacros de “guetos” onde a experiência do devir urbano se manifesta a poucos, sobretudo, aos que podem pagar para ter acesso a ela.

A escolha da Área Central do Rio de Janeiro como objeto de estudo foi amparada por uma vasta bibliografia (ALBUQUERQUE, 1967; RABA, 2006) que aponta a área central, com destaque para uma zona que compreende a Cinelândia, Praça Tiradentes, Lapa e Praça Mauá como sendo historicamente voltadas para a prática de encontros, diversão e lazer da cidade. Autores como Green (1999) e Trevisan (2013), em suas respectivas áreas de estudo, evocam essas localidades como importantes redutos da afirmação simbólica da identidade gay na metrópole carioca. A concentração de equipamentos espaciais voltados ao lazer LGBTIA+ no Centro decorre dentre outros aspectos pela sua centralidade e possibilidade de acomodar fluxos de diferentes locais do tecido urbano carioca, além, de que como aponta autores como Green (1999) permitir encontros sexuais e afetivos mais seguros tendo como garantia o anonimato

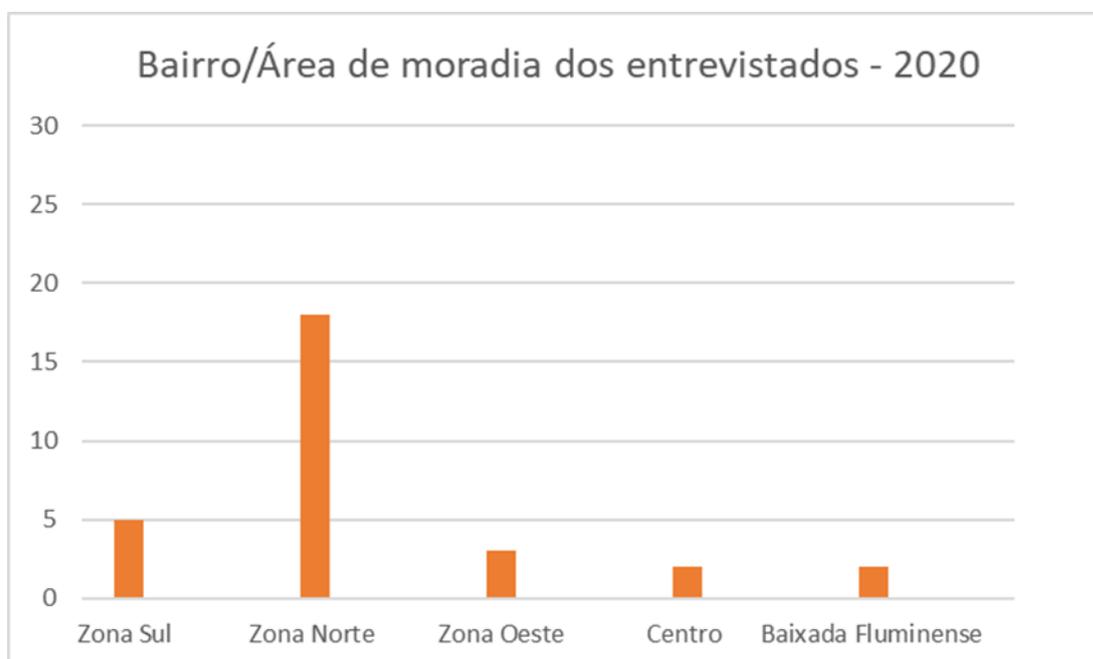
conferido pelas áreas centrais. A partir de agora o presente estudo vai focalizar os resultados obtidos com a pesquisa e compreender as diferentes expressões de centralidades manifestadas pelas práticas de sociabilidade e encontro na área central do Rio de Janeiro.

## Resultados e Discussões

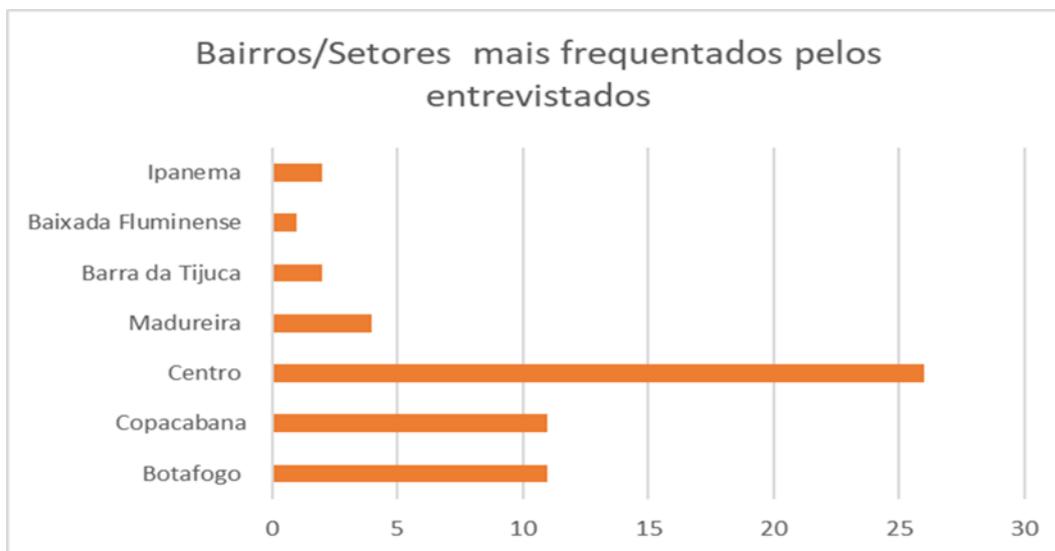
Ao longo das 60 entrevistas realizadas entre os meses de maio e outubro de 2020 com homens gays na faixa etária compreendida entre 20 – 30 anos alguns elementos foram destacados e podem ser considerados a seguir.

O primeiro deles refere-se a escolha da Área Central do Rio de Janeiro como lócus de sociabilidade gay na cidade do Rio de Janeiro. Para se chegar a esse resultado foi considerado o alcance espacial máximo e mínimo realizado por esses interlocutores quando questionados sobre bairros ou zonas da cidade que buscavam quando escolhiam atividades de lazer e encontro e a distância do seu local de moradia. O gráfico abaixo ilustra o questionamento:

**Gráfico 1** – Bairro/ Área de moradia dos entrevistados.



Fonte: Pesquisa de campo, 2020.

**Gráfico 2** – Bairros/Setores mais frequentados pelos entrevistados.

Fonte: Pesquisa de campo, 2020

Os gráficos ajudam a corroborar o grau de centralidade que a Área Central possui para atividades de lazer e diversão gay: embora parte expressiva dos entrevistados residam em bairros da Zona Norte e Sul da Cidade existe um deslocamento ativo desses consumidores para a Área Central em busca de boates, festas e eventos lá concentrados ressaltando o grau de alcance espacial máximo que esses equipamentos possuem para esse grupo na cidade. Isso fica mais evidente quando constatamos a presença de boates e bares LGBTIA+ ou gay friendly em bairros como Madureira, Copacabana, Ipanema e São João de Meriti próximo do local de moradia dos interlocutores. A título de ilustração temos o exemplo de um entrevistado residente do bairro de Campinho, vizinho a Madureira, zona norte do Rio que todo final de semana frequenta a boate Street Lapa, no Centro do Rio quando possui uma boate no bairro vizinho, a Papa G. Esse mesmo interlocutor resalta que embora a distância e os gastos envolvidos sejam um problema acaba sendo compensado pela “diferentes tipos de música e gente de nível mais alto na Street Lapa” (interlocutor, 26 anos, morador de Campinho, estudante) o que não seria encontrado na Papa G.

Ao longo da entrevista foi solicitado aos entrevistados que listassem nominalmente os locais preferidos para a socialização gay na cidade. A partir do

método de saturação (SÁ, 1998) chegou-se a um número máximo de estabelecimentos, localizados na Área Central, que se espalhavam em duas centralidades distintas: a primeira compreendia a Lapa e Praça Tiradentes e a segunda a Praça Mauá e os bairros de Gamboa e Santo Cristo. A tabela a seguir indica os locais citados pelos interlocutores:

**Tabela 1:** Locais de sociabilidade mencionados pelos entrevistados.

<b>CENTRALIDADE 1: PRAÇA TIRADENTES/ LAPA</b>	<b>CENTRALIDADE 2: PRAÇA MAUÁ/GAMBOA E SANTO CRISTO</b>
Street Lapa	Espaço Sacadura
Arco Íris da Lapa	Sacadura 154
Portal Club Rio	Galpão Gamboa
Estudantina	HUB

Fonte: Pesquisa de Campo, 2020.

Importante destacar que a limitação espacial dessas centralidades é imprecisa e instável, e isso se deve, as próprias dinâmicas espaciais e de escolha desse público consumidor alvo: era recorrente na fala dos entrevistados que ocorria uma “saturação” daquele local após alguns meses e isso levava necessariamente a um deslocamento desses indivíduos para outros locais na Área Central ou em bairros próximos, como Flamengo, Catete e Glória. Entre os motivos da “saturação” citados pelos entrevistados estava a excessiva presença de casais heterossexuais e uma padronização de músicas, shows e pessoas. Com isso, conclui-se que essas centralidades estão em constante processo de implosão e deslocamento sendo constantemente atualizadas.

Outro ponto a se destacar é que não existe, a priori, uma barreira nítida que impeça ou constranja os frequentadores de ambas as centralidades de frequentar esses espaços, porém, as falas dos entrevistados e as pesquisas de campo apontam uma série de códigos implícitos que demarcam barreiras socioeconômicas entre seus frequentadores. Era comum que interlocutores que frequentemente iam a boates na Lapa e Praça Tiradentes evitassem ir a festas e eventos na Gamboa e Santo Cristo, por exemplo. As razões para isso iam desde o

alto valor dos ingressos cobrados nessas festas até um perfil de público de caráter mais elitista, homonormativo e residente de áreas nobres.

E é nesse ponto que a pesquisa chega ao seu ápice: ao analisar de maneira detida os frequentadores dessas centralidades percebemos cortes de classe social, raça e situação socioeconômica bem definidas. No caso da primeira centralidade (Lapa – Praça Tiradentes) o perfil de público é predominantemente jovem (faixa etária entre 21 e 28 anos de idade), residentes de bairros da Zona Norte e Oeste e de municípios da Baixada Fluminense, a esmagadora maioria se identifica como negra e/ou parda e muitos ainda são estudantes ou desempregados, com isso, dependendo financeiramente dos pais ou tutor. A quase totalidade não possui automóvel realizando todo o deslocamento até esses locais de transporte público, com intenso uso de ônibus, metrô e trens e condicionando a escolha desses locais a oferta e facilidade desses meios de transporte. Um fato a ser destacado é que esses interlocutores não costumavam buscar novos espaços de sociabilidade com frequência e isso estaria associado à sua limitação espacial causada pela falta de transporte individual.

Outro fator que explica a presença desse grupo na centralidade referida é o valor financeiro. As boates localizadas na Lapa e Praça Tiradentes costumam realizar eventos conhecidos como open bar que consiste na cobrança única pela entrada e consumação no espaço. Isso, segundo os interlocutores, diminuiria os custos que provavelmente viriam a ter ao longo da noite sendo vantajoso para eles diante de sua frágil situação econômica. Vale destacar que a presença do público jovem nesse espaço pode ser explicada, como aponta Hancke (2019) pelo apelo imagético e simbólico que a juventude tem entre a população gay masculina. Em linhas gerais, a juventude representaria a virilidade e o padrão estético tão procurado entre a população gay tornando-se um importante capital simbólico que é explorado a exaustão pelo marketing e publicidade desses espaços de sociabilidade e consumo gay. Fotos, posts em redes sociais e publicidade evocam corpos jovens, másculos e viris como forma de exaltar essa parcela do público. Importante lembrar que isso não significa uma ausência ou restrição de homens gays mais velhos nesses espaços, muitos deles frequentam esses espaços por variados motivos, porém eles não são o público-alvo contemplado.

Na segunda centralidade, compreendida entre a Praça Mauá e os bairros da Gamboa e Santo Cristo, temos a presença de boates e eventos ocorridos em espaços públicos de forma esporádica, sobretudo durante o Carnaval. Neles destacam-se a presença de homens gays mais velhos <sup>9</sup>(30 – 40 anos de idade), residentes de áreas nobres da zona oeste e sul, com relativa estabilidade financeira, brancos em sua maioria e que possuem automóveis particulares. A presença de jovens com essa mesma característica se faz presente nesses espaços. Ao contrário dos frequentadores da primeira centralidade a fluidez e possibilidade de escolha destes são maiores e isso está associado a maior mobilidade espacial conferida pelo uso do carro e de aplicativos de transporte e pelo médio/alto poder aquisitivo que confere ampla capacidade de escolha. Interessante notar a frequência do fluxo que realizam até esses locais: enquanto na primeira centralidade os frequentadores se deslocam no intervalo de 15 a 30 dias no segundo caso a frequência é semanal, e algumas vezes, mais de uma vez na mesma semana. Um ponto interessante a destacar é o caráter restrito das festas e eventos: os blocos carnavalescos realizados na Zona Portuária como os Sereias da Guanabara e o Vyemos do Egito não possuem uma prévia e massiva divulgação, ora para despistar possíveis perseguições pelas autoridades públicas, ora para garantir uma limitação do perfil do público participante.

A existência dessas festas na localidade referida dialoga com o processo de gentrification (PEREIRA, 2015) que essa área vem sofrendo nas últimas décadas. A refuncionalização de armazéns, docas e prédios e a consequente instalação de equipamentos culturais, bares, museus e exposições atraem um público de médio e alto poder aquisitivo modificando a paisagem e o conteúdo social da região de maneira profunda. O mapa 1 a seguir ilustra a localização espacial desses empreendimentos:

---

<sup>9</sup> Grupo conhecido como “*daddy*” entre a comunidade *gay*.



mesmo marginalizadas socialmente e expostas a constantes violências, produzem e se apropriam da cidade ao seu modo, através de uma ocupação lúdica, festiva e auto afirmativa. Porém, para pensar esses espaços e seus processos correlatos é necessária uma abordagem que contemple a interseccionalidade. Somente, levando em consideração aspectos como classe social, filiação étnico-racial e identidade de gênero podemos analisar, em profundidade, como esses grupos sociais produzem, se apropriam e acima de tudo (re)produzem ao longo desse processo as mesmas interdições, apagamentos e opressões que a sociedade heteronormativa os impõe. Assim, ao analisar essas centralidades da sociabilidade gay percebemos que mesmo em meio a sua marginalidade os homens gays ressignificam uma cidade hostil, segregadora e fragmentada numa relação de perpetuação dessas condições e de enfrentamento da lógica existente.

## Referências

- ABREU, Maurício de Almeida Abreu. *Evolução Urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro. IPP, 1988.
- BOURDIEU, Pierre. *Gosto de Classes e Estilos de Vida*. In: Ortiz, Renato (org). *Coleção Grandes Cientistas Sociais*, n.39. Ática, São Paulo, 1983.
- BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. 10<sup>o</sup> ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- BUTLER, J. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira., 2010.
- CASTELLS, Manuel. *A Questão Urbana*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CORRÊA, Roberto Lobato. *O Espaço Urbano*. São Paulo. Ática. 1993
- COSTA, B. P. da. *Práticas espaciais de “pegação” homoerótica: o caso dos banheiros públicos nas cidades de Presidente Prudente- SP e Vitória da Conquista -Ba*. *Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero*. Vol 5, n 1, UPEG. Ponta Grossa-PR, 2014.
- COSTA, B.P. da. *Microterritorializações e microterritorialidades urbanas*. *Revista Terr@ Plural*, vol 11, n 1, UEPG. Ponta Grossa -PR, 2017.
- COULON, Alain. *A Escola de Chicago*. (Tradução Tomás Bueno). Campinas, São Paulo.: Papirus, 1995.
- DUARTE, Aluizio Capdeville. *A área central do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro. Divisão de Geografia (org.). Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 1967
- ELIAS, Nobert; e SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma comunidade; tradução Vera Ribeiro; tradução do posfácio a edição alemã – Rio de Janeiro*. Jorge Zahar Editor, 2000.

- FOUCAULT, Michel. História da Sexualidade – a vontade de saber. São Paulo. Ed Graal, vol 1, 14<sup>a</sup> edição, 2001.
- FRANÇA, Isadora Lins. Cercas e Pontes: o movimento GLBT e o mercado GLS em São Paulo. São Paulo. Universidade de São Paulo. Tese (doutorado), 2006.
- FRY, Peter e MACRAE, Edward. O que é homossexualidade. São Paulo. Abril Cultural: Brasiliense, Coleção Primeiros Passos, 1985
- GÓIS, Marcos Paulo Ferreira. Paisagens Noturnas Cariocas: Formas e práticas da noite na cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. UFRJ. Tese (Doutorado em Geografia), 2015.
- GOMES, Paulo César da Costa. A Condição Urbana: Ensaio da geopolítica da cidade. Rio de Janeiro, 304 p, 2002.
- GOTTDIENER, Mark. A produção social do espaço urbano. Tradução: Geraldo Gerson de Souza. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo, 310 p, 1993.
- GREEN, James N & QUINALHA, Renan (Orgs). Ditadura e Homossexualidades: repressão, resistências e a busca pela verdade. São Carlos: EDUFscar, 332p, 2014.
- GREEN, James N. Além do Carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX. Tradução: Cristina Filho e Cássio Arantes Leite. 2 ed. São Paulo: Editora Unifesp, 2019.
- GUIMARÃES, Carmem. O Homossexual visto por entendidos. Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro/Museu Nacional, Dissertação de Mestrado, 1977
- HARVEY, David. Cidades Rebeldes: do direito a cidade a revolução urbana. Tradução: Jeferson Camargo. São Paulo. Editora Martins Fontes. 294 p. 2012.
- HARVEY, David. Condição Pós-Moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo. Loyola. 1992
- HARVEY, David. Justiça Social e a Cidade. São Paulo. Hucitec. 1980
- JACOBS, Jane. Morte e Vida das Grandes Cidades. Coleção A. São Paulo. Ed Martins Fontes, 2000.
- LAMPIÃO da Esquina. In: Lampião da Esquina. Grupo Dignidade, 2019. Disponível em: <http://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>. Acesso em: 1 jun. 2021.
- LEFEBVRE, Henri. A Produção do Espaço. Paris. Editions Anthropos, 1974.
- LEFEBVRE, Henri. A Revolução Urbana. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.
- LEFEBVRE, Henri. O Direito a Cidade. São Paulo, 1991.
- LOURO, Guacira Lopes. Um corpo estranho- ensaios sobre sexualidade e a teoria queer. Belo Horizonte. Autêntica, 2004.
- MAGNANI, J.G.C. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. In: Revista Brasileira de Ciências Sociais, v.17, n 49, p 11-22, 2002.
- NERI, M. A nova classe média. Rio de Janeiro. CPS-FGV, 2008.

- ORNAT, Márcio José. Sobre gênero, espaço e geografia feminista. Ponta Grossa -PR. Revista Terr@ Plural, vol. 2, 2008.
- PARK, Robert. A cidade: sugestões para investigações sociais no meio urbano [1916]. In: Velho, Otávio G (org.). O fenômeno urbano. Rio de Janeiro. Zahar, 1973.
- PERLONGHER, Nestor. O negócio do michê. 2ª ed. São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo, 2008.
- RABHA, Nina de Carvalho Elias. Centro do Rio: perdas e ganhos na história carioca. 443 p. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.
- RIBEIRO, Miguel Ângelo & MATTOS, Rogério Botelho de. Territórios da Prostituição de Rua na área central do Rio de Janeiro. In: Ribeiro, Miguel Ângelo (org). Território e Prostituição na metrópole carioca. São João de Meriti, Rio de Janeiro. Ecomuseu Fluminense. p 88-112, 2002.
- SANTOS, Milton. A Natureza do Espaço – Técnica e Tempo. Razão e Emoção. São Paulo. Hucitec. 1996
- SANTOS, Milton. A Urbanização Brasileira. São Paulo. Hucitec. 1993
- SANTOS, Milton. Manual de Geografia Urbana. São Paulo. Hucitec. 1981
- SANTOS, Milton. O Centro da Cidade de Salvador. Salvador. Livraria Progresso. 1959
- SENNET, Richard. O Declínio do Homem Público – As tiranias da intimidade. Ed Companhia das Letras. São Paulo, 1993.
- SILVA, Joseli Maria. A cidade dos corpos transgressores da heteronormatividade. Rio de Janeiro. GEOUERJ. Vol 1, p 1-17, 2008.
- SILVA, Joseli Maria. Gênero e Sexualidade na análise do espaço urbano. Florianópolis. GEOSUL. p 117-134, 2007.
- SILVA, Joseli Maria. Geografias Subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidades. Ponta Grossa. Editora Toda Palavra. Ateliê Geográfico. p 254-257. 2011
- SILVA, William Ribeiro da. A formação do centro principal de Londrina e o estudo da centralidade urbana. Londrina. GEOGRAFIA, 2010.
- SILVA, William Ribeiro da. Centro e Centralidade: uma discussão conceitual. Universidade Estadual Paulista. Revista Formação (online), 2001.
- SILVA, William Ribeiro da. Para além das cidades: centralidade e estruturação urbana: Londrina e Maringá. Tese (doutorado). Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Tecnologia, 280 p, 2006
- SIMMEL, Georg. As grandes cidades e a vida do espírito. In Botelho André (org). Essencial Sociologia. São Paulo: Penguin/Companhia das Letras. p 311-329, 2013
- SOJA, Edward. Geografias Pós-Modernas. Rio de Janeiro. Zahar Editores, 1993
- SOUZA, André Felix. Lapa: um lugar central para a sociabilidade noturna. Dissertação (Mestrado em Geografia)- Universidade Federal do Rio de Janeiro- Rio de Janeiro- 2013.

SOUZA, M.L. ABC do Desenvolvimento Urbano. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 192p, 2003.

SOUZA, M.L. O direito ao centro da cidade. Publicado em: 03/04/2011. Disponível em: <http://passapalavra.info/2011/04/37960/> (Acesso em 11/05/2021).

SPOSITO, M Encarnação Beltrão. A gestão do território e as diferentes escalas da centralidade urbana. Território, Rio de Janeiro: UFRJ, v.3, p. 27 – 37, 1998.

SPOSITO, M Encarnação Beltrão. Centralidade Intraurbana. Conjuntura Prudente. Presidente Prudente. UNESP, v.3, p. 49-54, 2002.

SPOSITO, M Encarnação Beltrão. O centro e as formas de centralidade urbana. Revista Geografia. São Paulo: UNESP. Vol. 10, p1-18, 1991.

TOSTAS DOS REIS, Luis Carlos. Descentralização e desdobramento do núcleo central de negócios na cidade capitalista: um estudo comparativo entre Campo Grande e Praia do Canto na Grande Vitória (ES). Orientador: Roberto Lobato Correa. 2007. Tese de doutorado (Doutor em Geografia) - Programa de Pós Graduação em Geografia, [S. l.], 2007.

TREVISAN, João Silvério. Devassos no Paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia a atualidade. Ed. revista e ampliada. 4ª edição Rio de Janeiro. Record: 2000.

WHITACKER, Arthur Magon. Reestruturação Urbana e centralidade em São José do Rio Preto – SP. Presidente Prudente: UNESP, Tese (Doutorado em Geografia), 2003.